

LIÇÃO 13 - Rejeição dos Universais como Substâncias

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 13: 1038b 1-1039a 23

“ 650. *Todavia, como nossa investigação diz respeito à substância, voltemos a ela. E, assim como o sujeito, a essência e o composto destes são chamados de substância, também o universal o é. Duas destas, portanto, já foram discutidas, a saber, a essência (576-597; 622-649) e o sujeito (568-575); e foi declarado que uma coisa é sujeito de dois modos: ou como esta coisa particular (como um animal é sujeito de seus atributos), ou como a matéria é sujeito da atualidade. Mas, segundo alguns pensadores, o universal também parece ser, no sentido mais pleno, uma causa e um princípio. Portanto, tratemos disso.*

651. *Pois parece impossível que qualquer uma daquelas coisas que são predicadas universalmente seja substância. Porque, primeiro, a substância de cada coisa é a substância própria a ela e que não pertence a mais nada, enquanto o universal é comum; pois é chamado de universal aquilo que, por sua natureza, é adequado para ser encontrado em muitas coisas. De qual coisa particular, então, será a substância? Pois ou é substância de todas ou de uma. Mas não pode ser substância de todas. E, se é substância de uma, todas as coisas também serão aquela uma; pois aquelas coisas cuja substância é uma têm uma essência e são elas mesmas uma.*

652. *Além disso, substância significa o que não é predicado de um sujeito, enquanto um universal é sempre predicado de algum sujeito.*

653. *Mas, embora um universal não possa ser substância do mesmo modo que a essência de uma coisa é, ele é encontrado nisto do modo como animal é encontrado em homem e em cavalo. Portanto, é evidente que ele tem algum tipo de expressão inteligível. No entanto, não faz diferença se não há expressão definitiva de todas aquelas coisas que estão presentes na substância; pois, nem por isso, isto deixará de ser a substância de algo, como homem é a substância do homem particular em quem está presente. Daí a mesma coisa acontecerá novamente, pois a substância será a substância daquela coisa, como animal será a substância daquilo em que está presente como sua forma própria.*

654. Além disso, é tanto impossível quanto absurdo que esta coisa particular, ou substância, se é composta de certas partes, não seja composta de substâncias ou de uma coisa particular, mas de qualidade; pois aquilo que não é substância, i.e., qualidade, será então anterior tanto à substância quanto à própria coisa particular. Mas isso é impossível; pois atributos acidentais não podem ser anteriores à substância nem em inteligibilidade, nem em tempo, nem no processo de geração; pois eles seriam então separáveis dela.

655. Além disso, Sócrates terá uma substância em sua substância e, portanto, ela será a substância de duas coisas. E, em geral, segue-se, se homem e todos os termos usados deste modo são substância, que nenhuma das partes na expressão inteligível é a substância de coisa alguma, nem existe separadamente da espécie ou em qualquer outra coisa. E quero dizer que não há animal existindo separadamente dos particulares, e o mesmo é verdade para tudo o que está contido nas expressões inteligíveis das coisas. A partir destas considerações, é evidente para quem estuda a questão que nenhum universal é substância e que nenhuma das categorias significa coisas particulares, mas coisas de tal e tal tipo.

656. E, se este não for o caso, muitos absurdos se seguirão, entre eles o terceiro homem (107).

657. Além disso, é também evidente deste modo que uma substância não pode ser composta de substâncias que estão atualmente presentes nela, pois o que é atualmente dois nunca pode ser atualmente um; mas, se algo é potencialmente dois, será atualmente um; por exemplo, a linha inteira consiste de duas metades existindo potencialmente. Pois a atualidade separa. Portanto, se a substância é uma, não consistirá de substâncias presentes nela. E neste sentido Demócrito está correto; pois ele diz que é impossível que uma coisa seja produzida a partir de duas, ou duas a partir de uma; porque ele faz das grandezas contínuas indivisíveis substâncias. É evidente, então, que a mesma coisa também será verdadeira para números, se um número é um composto de unidades como alguns dizem, porque ou o número dois não é um ou a unidade está atualmente presente nele.

658. Mas o resultado envolve uma dificuldade; pois, se nenhuma substância única pode consistir de universais (porque um universal significa tal e tal coisa, mas não uma coisa particular), e se nenhuma substância única pode ser composta de substâncias atuais, então toda substância carecerá de composição. Portanto, nenhuma substância terá uma expressão inteligível. Mas parece a todos, e isto já foi afirmado (587), que é ou a substância sozinha ou principalmente a substância que é definida. Mas agora parece que nem mesmo este tipo de substância é definido. Portanto, não haverá definição de coisa alguma, ou, em um sentido, haverá e, em outro, não. O significado disto se tornará mais claro a partir do que se segue (669-676; 733-741).

COMENTÁRIO

1566. Tendo resolvido a questão sobre a substância no sentido de quiddidade, o Filósofo agora chega a certas conclusões sobre a substância na medida em que o universal é considerado por alguns pensadores como uma substância; e, quanto a isso, ele faz duas coisas. Primeiro (650:C 1566), ele conecta esta discussão com a anterior. Segundo (651:C 1569), ele executa seu plano ("Pois parece").

Ele diz, portanto, primeiro (650), que, como esta ciência trata principalmente do estudo da substância, devemos retornar novamente à divisão da substância para ver o que foi dito e o que resta ser dito. Ora, fica claro a partir da discussão precedente que substância tem os seguintes significados. Primeiro, significa o que tem a natureza "de um sujeito", a saber, a matéria, que está relacionada à forma substancial do mesmo modo que um sujeito, que é uma substância completa, está relacionado à forma accidental; segundo, significa a essência de uma coisa, que se refere à sua forma; terceiro, significa "o composto destes", i.e., o composto de matéria e forma; e quarto, significa o universal, segundo alguns pensadores.

1567. Ora, a divisão da substância dada aqui é a mesma que foi dada no início do Livro VII (568:C 1270), embora pareça diferir; pois lá ele deu quatro sentidos de substância: o sujeito, a essência, o universal e o gênero. E dividiu o sujeito em três significados: matéria, forma e o composto. E como já foi esclarecido que a essência deriva da forma, ele coloca a essência no lugar da forma; e, novamente, uma vez que um gênero comum é dito ser substância pelas mesmas razões que um universal é, como será mostrado, ele conclui que ambos pertencem à mesma classe; e, assim, restam apenas os quatro sentidos em que substância é mencionada aqui.

1568. Duas destas, então, já foram discutidas; pois a essência foi tratada (576:C 1299) e também o sujeito (568:C 1270), que é tomado em dois sentidos. Pois, primeiro, significa uma coisa particular e um ser atual, como animal é o sujeito de seus predicados, e como qualquer substância particular é o sujeito de seus acidentes. Segundo, significa a matéria prima, que é "o sujeito da atualidade", i.e., da forma substancial. Estas coisas foram discutidas onde foi mostrado (629:C 1501) como as partes da matéria pertencem à forma e ao indivíduo. Mas, como não apenas a matéria e a quiddidade parecem ser causas, mas também o universal, porque "segundo alguns pensadores", i.e., os platônicos, isto parece ser, no sentido mais pleno, uma causa e um princípio, trataremos portanto "disto", i.e., do universal, neste mesmo sétimo livro. E no Livro VIII (691:C 1681) trataremos das substâncias compostas e sensíveis, às quais as coisas tratadas neste sétimo livro estão relacionadas como princípios.

1569. Pois parece (651).

Aqui ele começa a investigar se os universais são substâncias, e isso se divide em duas partes. Na primeira (651), ele mostra que os universais não são substâncias, como alguns pensadores afirmavam. Na segunda (681:C 1642), ele mostra até que ponto as afirmações daqueles que fazem essa reivindicação são verdadeiras e até que ponto são falsas ("Mas aqueles que").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra de maneira geral que os universais não são substâncias. Segundo (678:C 1637), mostra isso de maneira especial em relação ao ser e à

unidade, que se supunha serem as substâncias das coisas no mais alto grau ("E uma vez que").

A primeira se divide em duas partes. Na primeira, ele mostra que os universais não são substâncias; e na segunda (659:C 1592), mostra que eles não são entidades separadas ("E a partir destes").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que os universais não podem ser substâncias com base no fato de que são predicados de muitas coisas; e segundo (654:C 1579), com base no fato de que as espécies são compostas de universais como partes de sua definição ("Além disso, é"). Pois ele dissera antes, no Livro V (524:C 1119), que em um sentido um gênero é um todo na medida em que é predicado de várias coisas, e em outro sentido é uma parte na medida em que uma espécie é composta de um gênero e uma diferença.

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que um universal não é uma substância com base no fato de que é predicado de muitas coisas. Segundo (653:C 1577), ele rejeita uma resposta capciosa ("Mas enquanto um universal").

1570. Para esclarecimento deste capítulo, deve-se notar que o termo *universal* pode ser tomado em dois sentidos. Primeiro, pode ser tomado para significar a natureza da coisa à qual o intelecto atribui o aspecto de universalidade, e nesse sentido os universais, como gêneros e espécies, significam as substâncias das coisas na medida em que são predicados quiditativamente; pois *animal* significa a substância da coisa da qual é predicado, e o mesmo ocorre com *homem*. Segundo, um universal pode ser tomado na medida em que é universal, e na medida em que a natureza predicada de uma coisa cai sob o aspecto de universalidade, isto é, na medida em que *animal* ou *homem* é considerado como um-em-muitos. E nesse sentido, os platônicos afirmavam que *animal* e *homem* em seu aspecto universal constituem substâncias.

1571. É isso que Aristóteles visa refutar neste capítulo, mostrando que *animal* em geral ou *homem* em geral não é uma substância na realidade, mas que a forma *animal* ou *homem* assume essa generalidade na medida em que existe na mente, que entende uma forma como comum a muitos, na medida em que a abstrai de todos os princípios individuantes. Assim, em apoio à sua tese, ele apresenta dois argumentos.

1572. Em relação ao primeiro deles (651), ele diz que, à luz dos argumentos subsequentes, parece impossível que qualquer um daqueles atributos que são predicados universalmente seja uma substância, isto é, na medida em que é tomado em sua universalidade. Isso é provado, primeiro, pelo fato de que, enquanto a substância de cada coisa é própria a cada uma e não pertence a outra, um universal é comum a muitos; pois aquilo que é universal é dito ser o que pertence por natureza a muitas coisas e é predicado de muitas. Portanto, se um universal é substância, deve ser a substância de alguma coisa. De qual coisa, então, será a substância? Pois deve ser ou a substância de todas as coisas às quais pertence ou de uma. Mas é impossível que seja a substância de todas as coisas, porque uma coisa não pode ser a substância de muitas, já que aquelas coisas são muitas cujas substâncias são muitas e distintas.

1573. Mas se for sustentado que é a substância de uma das coisas nas quais se encontra, segue-se que todas as outras coisas nas quais se encontra, e das quais se sustenta ser a substância, são

aquela uma coisa; porque também deve ser sua substância pela mesma razão, uma vez que se encontra em todas da mesma maneira. Ora, aquelas coisas cuja substância e essência são uma devem também ser elas mesmas uma. Portanto, como um universal não pode ser a substância de todas as coisas das quais é predicado ou de qualquer uma delas, segue-se que não é a substância de coisa alguma.

1574. Deve-se notar agora que ele descreve um universal como aquilo que é naturalmente disposto a existir em muitos, e não como aquilo que existe em muitos; porque há alguns universais que contêm sob si apenas uma coisa singular, por exemplo, sol e lua. Mas isso não deve ser entendido no sentido de que a própria natureza da espécie, considerada em si mesma, não está naturalmente disposta a existir em muitas coisas; mas há algo mais que impede isso, como o fato de que toda a matéria da espécie está incluída em um indivíduo, e o fato de que não é necessário que uma espécie que pode durar para sempre em um único indivíduo seja numericamente múltipla.

1575. Além disso, substância (652).

Aqui ele apresenta sua segunda razão. Ele diz que substância se refere a algo que não é predicado de um sujeito. Mas um universal é algo que é sempre predicado de algum sujeito. Portanto, um universal não é uma substância. Mas esse argumento parece não ser cogente, pois se diz nas *Categorias* que pertence à noção de substância não existir em um sujeito. Mas ser predicado de um sujeito não é oposto à noção de substância. Daí que naquele lugar são postuladas substâncias segundas, e estas são predicadas de um sujeito.

1576. Mas deve-se dizer que nas *Categorias* o Filósofo fala do ponto de vista da lógica. Ora, um lógico considera as coisas na medida em que existem na mente, e portanto considera as substâncias na medida em que assumem o caráter de universalidade a partir do modo como o intelecto as entende. Daí que, em referência à predicação, que é um ato da razão, ele diz que a substância é predicada "de um sujeito", isto é, de uma substância subsistente fora da mente. Mas o primeiro filósofo considera as coisas na medida em que são seres, e portanto, em sua visão da matéria, não há diferença entre existir em um sujeito e ser predicado de um sujeito. Pois ele toma algo para ser predicado de um sujeito que é algo em si mesmo e pertence a algum sujeito realmente existente. E é impossível que isso seja uma substância, pois então teria que existir em um sujeito. Mas isso é contrário à noção de substância, como também é afirmado nas *Categorias*.

1577. Mas enquanto um universal (653).

Aqui ele rejeita a resposta capciosa pela qual alguém poderia se opor ao seu primeiro argumento, no qual ele dissera que todas as coisas são uma cuja substância e quiddidade são uma. Pois alguém poderia dizer que um universal não é uma substância no sentido da essência de uma coisa, que é própria a uma coisa. Portanto, com vistas a rejeitar isso, o Filósofo diz "Mas enquanto" poderia ser dito, em oposição ao primeiro argumento introduzido, que é impossível para um universal ser uma substância da maneira como uma essência é, sendo substância apenas como algo existente nessas coisas particulares, como *animal* existe em homem e em cavalo. Pois a natureza de *animal* não se encontra em homem de tal modo que seja própria a ele, porque também se encontra em cavalo — como se dissesse que o argumento não pode ser respondido dessa maneira.

1578. Pois, se animal em comum é uma substância, segue-se que há uma expressão inteligível dessa substância. E não faz diferença para sua tese se não há uma expressão definitiva de todas aquelas coisas "que estão presentes na substância", i.e., que são dadas na definição, a menos que haja um regresso infinito nas definições, mas todas as partes de qualquer definição devem ser ainda mais definidas. Pois essa substância deve ser a substância de algo, mesmo que não tenha uma definição, não menos do que se tivesse. Assim, poderíamos dizer que, embora o homem em comum não tenha uma definição, ele deve, no entanto, ser a substância do homem no qual está presente, ou seja, do homem em comum. Logo, a mesma conclusão segue como antes, porque, mesmo que essa substância comum não seja considerada própria a nenhum de seus inferiores, ela ainda deve ser própria àquela substância comum na qual é primeiramente encontrada. Por exemplo, se animal em comum é uma substância, animal será predicado primariamente daquela substância comum e significará sua substância própria, seja ela definível ou não. Logo, uma vez que essa substância é própria a uma coisa, será impossível que ela seja predicada de muitas coisas.

1579. Além disso, é (654).

Ele agora mostra que o universal não é uma substância, baseando seus argumentos no fato de que o universal é parte da definição e da essência. Em relação a isso, ele faz duas coisas. Primeiro (654:C 1579), apresenta os argumentos em apoio à sua tese. Segundo (658:C 1590), ele resolve uma dificuldade ("Mas o resultado").

Em relação à primeira parte, ele dá quatro argumentos. Primeiro, ele diz que é tanto impossível quanto insustentável que uma coisa particular e uma substância não sejam compostas de substâncias ou coisas particulares, mas daquelas coisas que significam qualidade — se ela é composta de algo (o que ele acrescenta para permitir substâncias simples). Pois, uma vez que as partes das quais uma coisa é composta são anteriores a ela, segue-se que o que não é substância, mas qualidade, é anterior tanto à substância quanto a esta coisa particular. Mas isso é impossível, porque é impossível que modificações, qualidades e acidentes sejam anteriores à substância, seja em inteligibilidade, seja em tempo, seja em geração.

1580. Pois foi mostrado acima (563:C 1253) que eles não são anteriores em inteligibilidade, porque a substância é dada na definição dos acidentes, e não o contrário. E disso também se provou acima (563:C 1257) que eles não são anteriores no tempo. Disso, por sua vez, ele prova ainda aqui que se seguiria que os atributos seriam capazes de existir separadamente das substâncias; e isso é impossível. E a prioridade na geração está incluída na prioridade no tempo, embora o contrário não seja verdadeiro. Pois, mesmo que coisas que não estão relacionadas à geração de algo sejam anteriores no tempo, elas ainda não são anteriores na geração; por exemplo, um cavalo não é anterior na geração a um leão que existe neste momento, mesmo que seja anterior a ele no tempo. No entanto, as partes das quais uma coisa é composta são anteriores no processo de geração e, portanto, no tempo, e às vezes também em inteligibilidade, como foi mostrado acima (570:C 1278). Logo, é impossível que substâncias sejam compostas de coisas que não são substâncias. Mas os universais não significam coisas particulares, mas de que tipo as coisas são, como foi dito sobre as segundas substâncias nas *Categorias*. É evidente, então, que as coisas singulares, que são particulares, não podem ser compostas de universais, se estes são algum tipo de coisas que existem separadamente dos singulares.

1581. Mas parece que esse argumento não é satisfatório; pois, embora as segundas substâncias, que são gêneros e espécies no gênero da substância, não signifiquem coisas particulares, mas de que tipo as coisas são, elas não significam de que tipo as coisas são da mesma maneira que os atributos que significam qualidade accidental, mas significam qualidade substancial. No entanto, ele argumenta aqui como se significassem qualidade accidental.

1582. Mas deve-se dizer que, se os universais são coisas, como os platônicos afirmavam, teremos que dizer que eles significam não apenas qualidade substancial, mas também qualidade accidental; pois toda qualidade que é distinta da coisa da qual é a qualidade é accidental. Por exemplo, a brancura difere do corpo do qual é uma qualidade e inere no corpo do qual é a qualidade como seu sujeito; e, portanto, é um acidente. Logo, se os universais como universais são coisas, eles devem ser distintos dos singulares, que não são universais. Portanto, se eles significam a qualidade daquelas coisas, devem inerir nelas como em substâncias e, assim, devem significar qualidade accidental.

1583. No entanto, para aqueles que afirmam que gêneros e espécies não são coisas ou naturezas distintas dos singulares, mas são as próprias coisas singulares (por exemplo, que não há homem que não seja este homem), não se segue que a segunda substância signifique um acidente ou modificação.

1584. Além disso, Sócrates (655).

Ele dá o segundo argumento. Ele diz que, se os universais são substâncias, segue-se que Sócrates terá uma substância em sua substância; pois, se todos os universais são substâncias, então, assim como o homem é a substância de Sócrates, de maneira semelhante, animal será a substância do homem; e, assim, essas duas substâncias, uma das quais é homem e a outra animal, existirão em Sócrates. Sua conclusão é "e, portanto, será a substância de duas coisas", i.e., segue-se, portanto, que animal é a substância não apenas do homem, mas também de Sócrates. Logo, uma substância pertencerá a duas coisas. No entanto, foi mostrado acima que uma coisa tem apenas uma substância.

1585. E o resultado mencionado se aplica não apenas no caso de Sócrates, mas universalmente em todos os casos. Pois, se o homem e as outras coisas que são chamadas de espécies dessa maneira são substâncias, segue-se também que nenhuma das partes na estrutura inteligível de uma espécie é substância, e que ela não pode existir sem a espécie em cujas definições é dada, nem existir em qualquer outra coisa; assim como não há animal "separado dos animais particulares", i.e., separado das espécies de animal. E o mesmo se aplica a todos os outros predicados que são dados nas definições, sejam gêneros ou diferenças. E isso é verdade porque, se aquelas partes que são dadas nas definições das espécies são substâncias, então, uma vez que as espécies são substâncias, haverá muitas substâncias nas coisas singulares, e muitas coisas terão uma substância; como foi dito sobre Sócrates. Do que foi dito, então, é evidente que nenhum universal é uma substância, e que os predicados comuns não significam uma coisa particular, mas de que tipo uma coisa é.

1586. E se isso (656).

Então ele dá o terceiro argumento. Ele diz que, se a conclusão anterior não for admitida, muitos absurdos se seguirão, e um deles será a necessidade de postular um terceiro homem. Isso pode ser explicado de duas maneiras. Primeiro, pode significar que, além dos dois homens singulares, Sócrates e Platão, há um terceiro homem, que é comum a ambos. Isso não é absurdo segundo aqueles que postulam Ideias, embora pareça absurdo do ponto de vista da reta razão.

1587. Segundo, pode ser explicado como significando que se postula um terceiro homem além de um homem singular e do homem em comum, uma vez que eles têm um nome e uma expressão inteligível comuns, assim como dois homens singulares, além dos quais se postula um terceiro homem comum; e a razão é que eles têm um nome e uma definição comuns.

1588. Além disso, é (657).

Ele apresenta o quarto argumento. Diz que os universais não são substâncias por esta razão: é impossível que uma substância seja composta de muitas substâncias realmente presentes nela; pois duas coisas atuais nunca são uma coisa atual, mas duas que estão em potência são uma coisa atualmente, como fica claro no caso das partes de uma quantidade contínua. As duas metades de uma linha, por exemplo, existem potencialmente na linha inteira, que é uma atualmente. E isso ocorre porque a atualidade tem o poder de separar e distinguir; pois uma coisa se distingue de outra pela sua forma própria. Portanto, para que muitas coisas se tornem uma coisa atual, é necessário que todas estejam incluídas sob uma única forma, e que cada uma não tenha sua própria forma pela qual existiria em ato. Assim, fica evidente que, se uma substância particular é uma, ela não será composta de substâncias realmente presentes nela; e, portanto, se for composta de universais, os universais não serão substâncias.

1589. E nesse sentido, Demócrito tem razão ao dizer que é impossível que uma coisa seja produzida a partir de duas, e duas a partir de uma; pois é preciso ter em mente que dois existentes atuais nunca fazem um. Mas, ao falhar em distinguir entre o potencial e o atual, ele afirmou que as quantidades contínuas indivisíveis são substâncias; pois ele pensava que, assim como uma coisa não contém muitas coisas atualmente, também não as contém potencialmente; e, assim, qualquer quantidade contínua é indivisível. Ou isso poderia ser explicado de outra forma. Quero dizer que Demócrito estava certo se assumirmos que sua própria posição é verdadeira, na qual ele afirmava que as quantidades indivisíveis são as substâncias das coisas e, portanto, são sempre atuais, e dessa forma nenhuma coisa uma é produzida a partir delas. E assim como isso é verdade no caso das quantidades contínuas, de modo semelhante é verdade no caso dos números, se o número é composto de unidades, como alguns pensadores afirmavam. Pois ou o número dois (ou qualquer outro número) não é uma coisa, ou a unidade não está realmente presente nele. Assim, o número dois não será duas unidades, mas algo composto de unidades; caso contrário, um número não seria uma unidade, essencial e propriamente, mas apenas acidentalmente, como um monte.

1590. Mas o resultado (658).

Ele apresenta uma dificuldade sobre a resposta acima. Diz que o resultado da discussão anterior dá origem a uma dificuldade; pois primeiro (como foi dito), uma substância não pode ser composta de universais, porque um universal não significa uma coisa particular, mas de que tipo uma coisa é; e segundo, uma substância não pode ser composta de substâncias atuais; e, assim, parece

decorrer que as substâncias não podem ser compostas ou constituídas de substâncias. Segue-se, então, que todas as substâncias carecem de composição. E, assim, uma vez que nenhuma definição é dada de substâncias que carecem de composição (e isso fica claro pelo fato de que a definição é uma expressão inteligível que tem partes, como foi mostrado acima [622:C 1460]), segue-se que nenhuma substância tem definição. Mas parece a todos, como foi mostrado acima (582:C 1331), que uma definição é ou da substância sozinha ou principalmente da substância, e agora foi concluído que não há definição de substância; logo, segue-se que não há definição de coisa alguma.

1591. Agora, a resposta à dificuldade acima é que, em um sentido, a substância é composta de substâncias e, em outro, não. Mas isso ficará mais claro a partir das discussões seguintes neste livro (669:C 1606) e no Livro VIII; pois a substância é composta de substâncias potenciais, não de atuais.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:21:07 by Admin

Updated 16 September 2026 22:30:39 by Admin